

4

Arranjos



Figura 60- Boneca Abayomi

4.1 Relação entre linguagens

(...) no estudo dos objetos, é fundamental que se pense, em quem faz; que implica em pensar em como se faz; ou para quem se faz; ou mesmo para que se faz; e onde se faz; quando e porque se faz, e principalmente como estas questões se modificam no tempo. A relação com os objetos é pensada como fator de “formação”, isto é, como um processo onde tenta se perceber os sujeitos se construindo junto aos objetos: na manipulação da matéria, no fazer, no construir e experimentar, na observação do uso. Ao serem “usados”, em certa medida, retificam todo o processo pelo qual estes mesmos objetos foram feitos, pois como diz Baudrillard, “o objeto concreto não é feito de ‘partes’, é uma unidade em si, não são partes que formam o todo, e sim o todo em si, isto é, a parte é o todo, como um sistema unificado”. (DIAS,1999)

As integrantes da Cooperativa Abayomi investigaram a técnica de colagem de tecidos relacionada a temas e a narrativas elaborados por elas aplicando as bonecas nessa colagem, nesse fundo, transformando-as em personagens. A partir dessa investigação uma frente de trabalho ilustrou o texto *Vida que Voa* de Lena Martins para o projeto do primeiro livro com personagens Abayomi.

A iniciativa do processo de composição de um painel/ilustração promove uma autonomia às artesãs que não dependem mais de fundo infinito ou da fotomontagem como fundo para as peças. As artesãs relacionam as bonecas a qual fundo queiram, a qual fundo sugerem a intenção dessas bonecas e criam um cenário.

As artesãs se apoderam de mais essa etapa de produção Abayomi, criando um objeto/cenário a partir da ilustração com pano fazendo suas escolhas e refletindo sobre questões relevantes à história das personagens no decorrer do processo. Concebe-se assim, uma imagem que praticamente não necessita de alterações em programas de computador para tradução da peça em meio impresso.

Lena nos primeiros encontros para a elaboração da ilustração *Vida que Voa* já indicou que, por ela, não haveria chance de simulação de nenhuma parte do painel para que fosse corrigido posteriormente no computador. Tudo, cada cor, cada folha, cada renda, cada flor, deveria ser real e deveria ocupar um espaço próprio na formação do cenário como as personagens. Dessa forma, a própria Lena define a relação entre as linguagens Abayomi no campo tridimensional e bidimensional.

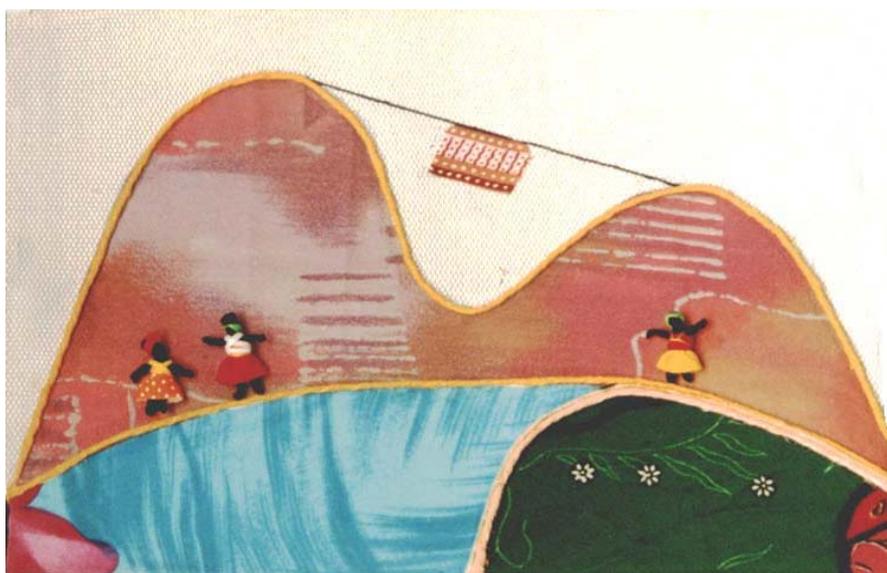


Figura 61- Quadrinho Abayomi com tema do Rio de Janeiro



Figura 62- Quadrinho Abayomi feito por Lena como presente a um amigo, Mestre Euclides

4.2 Ilustração e a tradução de linguagem

O tema da narrativa influencia a escolha da técnica, do traço e da complexidade e esta por sua vez está relacionada ao projeto possível em termos de custo e conceito. A ilustração pode acompanhar a linguagem das personagens no se que se refere às questões plásticas.

O projeto visual por trás da representação visual, potencializa e reforça o poder do texto escrito. A ilustração é o resultado da interpretação do ilustrador, de sua memória e a preocupação para quem esse livro está sendo escrito, sabendo-se que o mesmo texto terá muitas leituras conforme seus muitos leitores.

A ilustração convive e contribui com a narrativa escrita contando também uma história própria em uma linguagem própria. No processo Abayomi os retalhos, as rendas, as flores, confidenciam particulares histórias ao se apresentarem a diferentes pessoas que as carregam para diferentes lugares de seu tempo e lugar. Sendo assim as linguagens (escrita e visual) em convivência podem ou não promover um encantamento, mas certamente promovem uma percepção crítica do leitor. O autor prevê o leitor e este, por sua vez, atualiza o texto e a imagem. As funções do livro são de fazer com que o leitor transcenda e expanda, pertença a uma história que o convida a reinventá-la.

A frente de trabalho reuniu Lena, que desenha há anos junto à cooperativa em um processo criativo de composição de narrativas, Carolina¹ e eu para as possibilidades de criação com pano e poesia.

Nos primeiros encontros para a realização da narrativa e após uma decupagem do texto a ser ilustrado, fizemos uma busca pelos materiais que nos agradavam para a criação da composição. Pano, cores, texturas, brilhos e delicadezas. Destacamos panos com estampas específicas para cada área do painel idealizando tons para representar a passagem de tempo que a estória suscitava.

Escolhemos o brim branco como base de 1,20m por 80cm e riscamos com giz de tecido o esboço da ilustração. Desenrolamos

¹ Carolina Figueiredo é designer e dançarina. Desenvolveu sua monografia de conclusão da graduação em Artes & Design na PUC-Rio junto a Cooperativa Abayomi com o título *Instalação e cenário para construções coletivas itinerantes da Cooperativa Abayomi*, seguindo o método do design participativo da matéria Projeto básico da Barraca, sob orientação dos professores Ana Branco e Carlos André Lameirão Côrtes. O resultado do sucesso deste trabalho de pesquisa está no convite de Lena para que Carol integrasse esse núcleo de ilustração, pois foi significativo o trabalho com ela no desenvolvimento do projeto de graduação.

um papel vegetal sob esse pano riscado e registramos a ilustração neste suporte que foi recortado ao longo do processo, uma vez que precisávamos das partes da ilustração destacadas para moldes das montanhas, das árvores...

Sob o brim branco iniciamos a colagem dos azuis do céu de dia e de noite. Em seguida os verdes das montanhas do vale, e então preparamos a costura do corpo da cobra Boiúna que foi costurado na máquina de costura e preenchido de algodão.

Os troncos das árvores vieram apresentando a força do marrom nessa composição. Privilegiamos a textura dos tecidos às estampas, uma vez, que estas estariam no corpo da cobra e nas asas das borboletas, por exemplo. Ao passo que trabalhávamos nos encontros compondo a ilustração, durante a semana, individualmente, íamos recortando as folhas das árvores atentas às tonalidades que assim como o céu evidenciariam a claridade do dia e o escuro da noite no vale do Jardim Boiúna onde se passa a história *Vida que Voa*.



Figura 63- Lena no recorte do brim



Figura 64- O desenho no brim



Figura 65- A escolha dos azuis do céu



Figura 66- Registro do desenho no vegetal



Figura 67- Carol medindo montanha



Figura 68- Luciana recortando montanha



Figura 69- Medição da Cobra Boiúna



Figura 70- Costura da Cobra Boiúna



Figura 71- Isadora colando partes do painel



Figura 72- Carol, Lena e as miudezas



Figura 73- Gloria criando em meio ao fazer ouvindo histórias que Lena contava



Figura 74- Recorte dos quadrinhos da cena



Figura 75- Colagens



Figura 76- Experiências com a folhagem



Figura 77- Grafismo nos troncos das árvores com linhas de barbantes

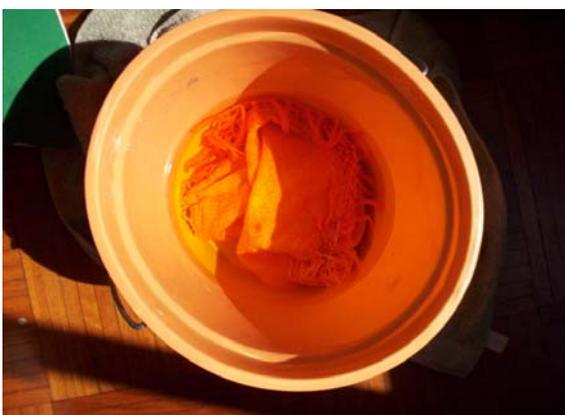


Figura 78- Tingimento da rede

Esse trabalho de tradução de linguagem mantém fortes vínculos com concepções originárias da Cooperativa Abayomi como a reutilização de pano, rendas, guardados, pedaços de estampas de roupas antigas e flores feitas por membros das famílias das integrantes e agregados. São as memórias/imagens que narram histórias, retalhos que compõe novas imagens. É ainda um trabalho em grupo e há o reconhecimento do universo feminino na agregação dos filhos em meio ao fazer.

Na dinâmica de composição da ilustração há a clara negociação de novos conceitos, de novas culturas, de uma nova técnica como a colagem, onde nem todas as concepções Abayomi são assimiladas, mas onde não há perda completa de sua identidade. A ilustração é produto de várias histórias interconectadas relacionadas à história *Vida que voa*, às iniciativas de cada ilustradora e aos materiais descobertos ao longo do percurso.

Ideologicamente, o entendimento do trabalho e da intenção da Cooperativa Abayomi através da figura de Lena Martins apareceu para mim em um dos encontros quando começávamos a projetar a casa das personagens. Eu escolhia panos com aspectos rústicos, de acabamento até grosseiro para ilustrar a porta da casa que dava para a varanda onde se balançavam na rede a avó e a neta numa fresca tarde de inverno.

Nesse momento Lena me mostrou o pano que ela sugeria. Um pano que na minha referência visual era típico de uma poltrona de casa de vovó da Corte Portuguesa. Lena então me questionou (antes mesmo que eu a questionasse sobre o tecido): “Porque esse não poderia ser um pano da casa dessas personagens? Porque casa de personagem negra deve ser rústica, de “preferência” de palha, de barro, de madeira? Porque (continuou Lena) a personagem negra está condicionada a ser a empregada, a faxineira, a serviçal? Nessa estória ela é a dona da casa! Estória essa que supõe uma família negra (nas figuras da neta e da avó) sonhando, refletindo e poetizando! Vejo então (dizia ela) essas personagens confortavelmente em uma casa muito aconchegante com rendas e flores... E esse pano combina com esse ambiente ideal!”

Eis o valor que é evidenciado nas peças Abayomi na representação de personagens negros de acordo com a ideologia da cooperativa. Eis o resultado formal dos objetivos Abayomi quando traduzidos em peças narrativas.



Figura 79- Pano sugerido por Lena Figura 80- Pano sugerido por mim

O painel sendo um fundo de pano trabalhado artesanalmente valendo-se de texturas, cores e muitos detalhes ocupa seu lugar na narrativa, aliás também tem sua própria narrativa. A personagem Abayomi por sua vez é a protagonista da história, não está competindo com o fundo, tem o fundo como cenário e como “berço”. O lugar na cena em que as personagens estão ocupando tem como fundo montanhas de tecido neutro (lona verde) possibilitando uma distinção visual e nitidez das personagens.

Comparando os dois objetos (cenário e boneca) sugiro que são coerentes, pois o painel é o suporte visual, conjunto de elementos que torna visível a mensagem, todas aquelas partes que devem ser consideradas e aprofundadas para poderem ser utilizadas com a máxima coerência em relação à informação.

O processo fotográfico do painel aconteceu na casa da fotógrafa Ivone Perez, parceira que viabiliza o projeto Abayomi de serem impressas as cenas em que as personagens Abayomi são protagonistas.



Figura 81- Processo das fotos e resultado no computador.



Figura 82- Detalhe do painel *Vida que Voa*



Figura 83- Detalhe do painel *Vida que Voa*



Figura 84- Detalhe do painel *Vida que Voa*



Figura 85- Detalhe do painel *Vida que Voa*



Figura 86- Detalhe do painel *Vida que Voa*



Figura 87- Detalhe do painel *Vida que Voa*



Figura 88- Detalhe do painel *Vida que Voa*



Figura 89- Painel *Vida que Voa*



Figura 90- Lena e o detalhe do painel *Sonho*
(complemento ao painel *Vida que Voa*)



Figura 91- Painel *Sonho* (complemento ao painel *Vida que Voa*)



Figura 92- Painel *Sonho* (complemento ao painel *Vida que Voa*)

4.3 A representação Abayomi nas peças gráficas



Figura 93- Marca Abayomi

Design gráfico se refere à área de conhecimento e à prática profissional específicas relativas ao ordenamento estético-formal de elementos textuais e não-textuais que compõe peças gráficas destinadas à reprodução com objetivo expressamente comunicacional. (VILLAS-BOAS, 1997)

Para o autor essa é uma definição que cabe apenas para um primeiro momento de ansiedade por resposta. A questão vai mais além, como definem Livingston & Livingston (1992), o design gráfico é uma “atividade de combinação”.

Associando elementos estéticos-visuais textuais e não textuais com fins expressivos para reprodução (real ou virtual), o design gráfico é a diagramação dos elementos visuais que protagonizam um sistema de informação quase sempre em suporte impresso e bidimensional.

A comunicação visual é assim, em certos casos, um meio insubstituível de passar informações de um emissor a um receptor, mas as condições fundamentais do seu funcionamento são a exatidão das informações, a objetividade dos sinais, a codificação unitária e a ausência de falsas interpretações. Só será possível atingir essas condições se ambas as partes entre as quais

ocorre a comunicação tiverem conhecimento instrumental do fenômeno. (MUNARI, 1997)

A marca Abayomi segundo Claudio Sendin, designer gráfico e colaborador da cooperativa, foi aparecendo meio que sem planejamento, o desenho das letras *Abayomi* já lhe foi apresentado por Lena que confirma que as letras foram desenhadas por um amigo próximo na época. Assim Claudio encontrou em seus guardados o grafismo africano e foi cortando daqui e dali, aplicando de forma rebatida, vazada, colorida e a marca foi composta.

As peças gráficas veiculadas pela cooperativa são projetadas desde 1995 por Claudio Sendin e em entrevista com o designer este relata que o processo de construção das peças gráficas e a intenção do designer é a beleza. O projeto tem que ser belo em seu resultado final. A idéia, a cena a ser “operada”, é sempre indicada pela cooperativa que encomenda o trabalho, calendário e material gráfico em geral.

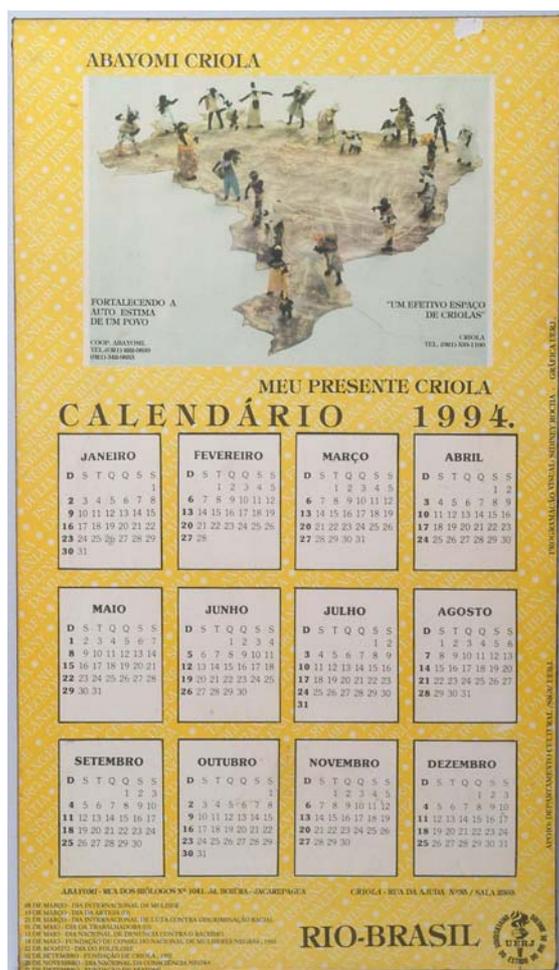


Figura 94- Calendário Abayomi 1994

Claudio conta que ele e o grupo estão sempre em busca de formas inéditas e contou que inicialmente ele mesmo fotografava as peças geralmente ao ar livre e sob a influência da luz natural. Posteriormente a fotógrafa Ivone Perez chegou trazendo uma carga profissional e equipamentos que sob a precisão de set de estúdio deram uma outra “cara” às peças Abayomi. O designer afirma que está muito satisfeito com as peças gráficas realizadas e com a equipe (menciona a própria Ivone) que hoje vive esta parceria na tradução Abayomi em peças gráficas.

Nas primeiras peças gráficas as bonecas são fotografadas em chão de terra, em gramados. As bonecas se destacavam do fundo uma vez que este era desfocado para que se tivesse, segundo Cláudio, uma sensação de realidade, que a cena estivesse realmente acontecendo.



Figura 95- Calendário Abayomi 1995

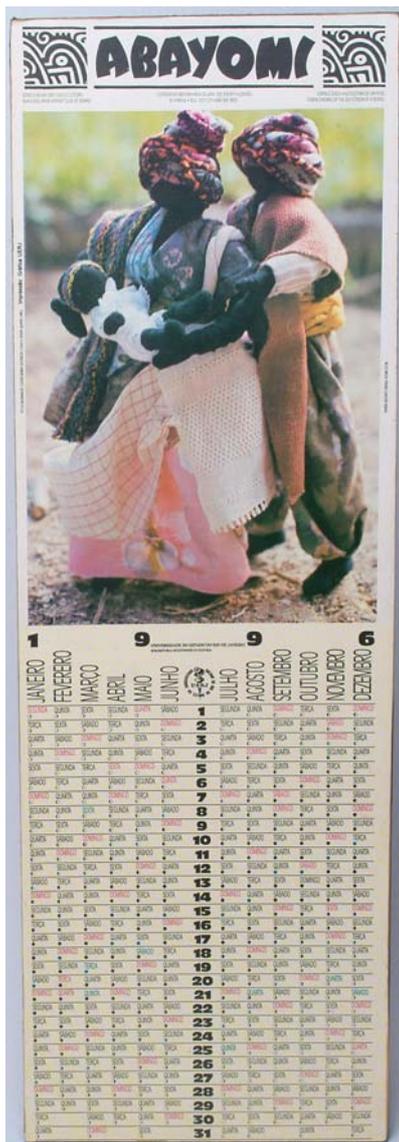


Figura 96- Calendário Abayomi 1996

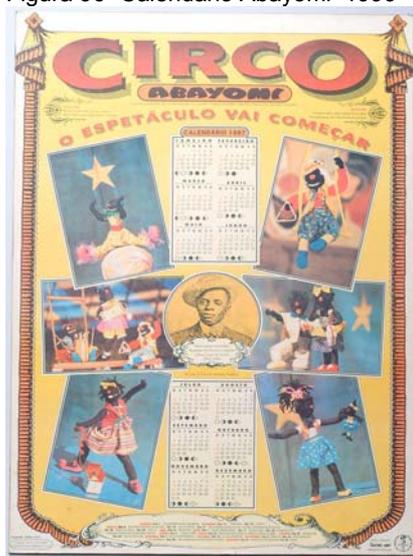


Figura 97- Calendário Abayomi 1997

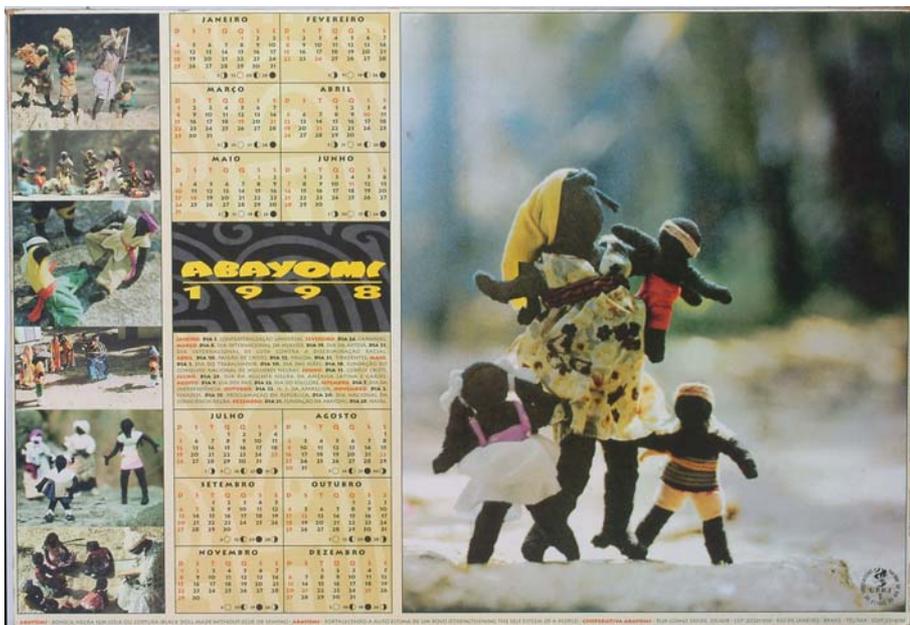


Figura 98- Calendário Abayomi 1998

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410899/CA



Figura 99- Calendário Abayomi 1999



Figura100- Calendário Abayomi 2000

As fotos das bonecas são atualmente registradas pela fotografa Ivone Perez, que em seu relato admitiu ser apaixonada pela linguagem Abayomi e se ofereceu para fotografar as peças quando fosse preciso, mesmo que não houvesse verba.

Ivone conta que sua intenção com a fotografia das peças Abayomi é apresentar a postura da boneca, o olhar e a expressão da personagem, por isso ela cuidadosamente percebe os ângulos mais sugestivos que realcem essa expressão utilizando uma lente tele para a nitidez dessa proposta.

O calendário abaixo apresenta fotomontagens de trechos da exposição *Retalhos do Brasil*.



Figura 101- Calendário Abayomi 2001

O calendário abaixo aparece como uma inovação na peças gráficas da cooperativa, pois já apresenta um cenário produzido para as bonecas.



Figura 102- Calendário Abayomi 2002

O calendário abaixo sugere não só uma imagem nova como também uma forma nova através dos vincos formando uma base triangular. Claudio condena a peça, diz que sugeriu essa possibilidade e que ao invés de o terem chamado atenção, “embarcaram” na idéia dele (que afirma o designer não ter dado certo). As fotos são afins aos temas das cenas das peças Abayomi, e segundo o designer, sugere um surrealismo no efeito da distorção empregado por ele.



Figura 103- Calendário Abayomi 2003

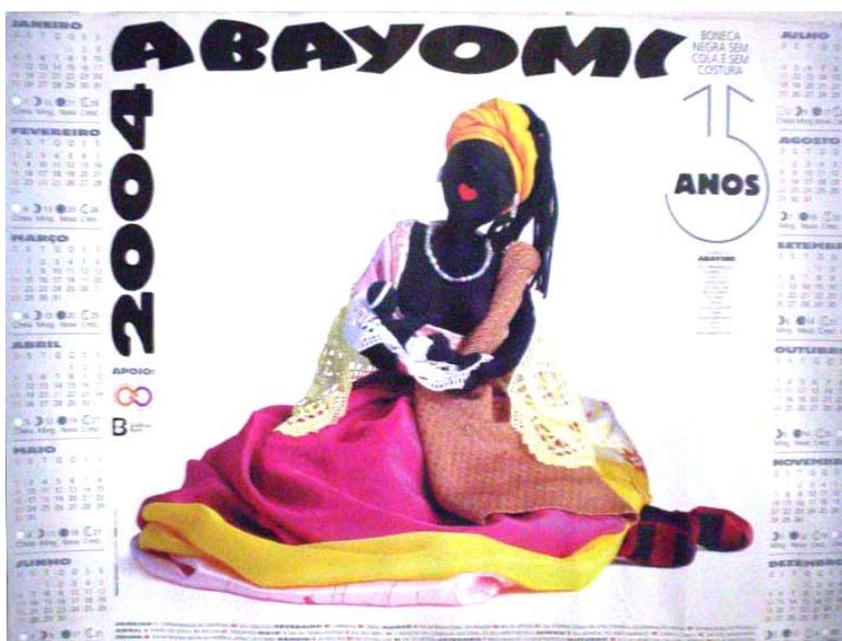


Figura 104- Calendário Abayomi 2004

O calendário acima apresenta a boneca Abayomi em um fundo infinito e foi aplicada à peça gráfica tal qual foi fotografada. O designer propõe um degradê nas laterais da imagem.

Os calendários de 2005 e 2006 a cooperativa optou por fazer em formato de “santinho” como Lena mesmo intitulou. Foi uma estratégia de possibilitar a veiculação dos mesmos que deveriam ter baixíssimo custo de produção. Estas peças também exibem as bonecas sob fundo infinito e algum detalhamento na aplicação do grafismo.



Figura 105- Calendário Abayomi 2005



Figura 106- Calendário Abayomi 2006

Ano a ano as artesãs Abayomi festejam a chegada do calendário, preparam uma festa, recebem convidados e são muito orgulhosas desse movimento. A cooperativa procura apresentar o calendário a possíveis parceiros que comprem antecipadamente cooperando com gastos de produção anteriores às vendas dos mesmos. Associam o tema das imagens a grupos específicos como no caso da calendário 2004, que apresenta uma boneca amamentando. Este calendário foi vendido aos montes para a associação “Amigas do Peito”, grupo que orienta gestantes e lactantes no processo do preparo e da amamentação.

Sugerindo uma relação entre o painel *Vida que Voa* e a série de calendários Abayomi projetados por Cláudio Sendin, concluo que cada informação tem seu suporte ótimo, mesmo que possa ser transmitida com diversos suportes. Se na comunicação visual, como afirma Munari (1997), existem dois componentes: informação e suporte, é necessário se estudar a cada caso e segundo o tipo de informação que se queira transmitir, o suporte mais apto a transmiti-la, no modo mais completo.

Os calendários e o primeiro livro com personagens Abayomi (com ilustração de pano do painel *Vida que Voa* em negociação com editoras) são a possibilidade das imagens e princípios deste grupo alcançarem público ainda maior. É fundamental que sejam também bandeiras que “carregam” a intenção dessa cooperativa.